"ORGULHO DE JAMAIS ACONSELHAR" (A EPISTOLOGRAFIA DE MÁRIO DE ANDRADE E SEU PROJETO PEDAGÓGICO)¹

MARCOS ANTONIO DE MORAES

A epistolografia do escritor Mário de Andrade (1893-1945), reconhecida atualmente por seu expressivo volume e importante potencial biográfico e histórico, deve também ser interpretada como a prática de um projeto pedagógico inserido no ideário modernista. Essa perspectiva didática na escrita epistolar mariodeandradiana revela um plano de sedução intelectual, sobretudo nas cartas endereçadas aos jovens escritores, artistas plásticos e músicos.

Perceber a complexa dimensão desse "projeto pedagógico" veiculado por meio de cartas, pressupõe a compreensão da engrenagem dessa epistolografia e a sua formulação, a partir de novembro de 1924, quando a carta de Mário de Andrade se torna ostensivamente o lugar privilegiado de difusão dos fundamentos de um nacionalismo de cunho crítico. Igualmente produtivo nessa discussão é observar a imagem que os contemporâneos de Mário fizeram dele. Nesse sentido, os necrológios assinados por amigos jovens do escritor, ajudam a reconstituir a figuração do "mestre" e a desvelar "o grande epistológrafo". A natureza dessa personalidade "sacrificial" que acolhia a todos, mas rejeitava a subserviência, o paternalismo e a cortesia de "igrejismos" mereceu síntese sugestiva no conjugar do "culto da solidariedade humana" ("Mário de Andrade", *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, 106, 1946), na concepção de Antonio Candido, e do "virtuosismo ético no convívio com os mais moços", definição de Moacir Werneck de Castro. ("Mário de Andrade e os moços", *Revista de São Pedro*, 6, Porto Alegre, 1946). Moacir eliminou ainda qualquer possibilidade de uma leitura hagiográfica da personalidade e da atuação de Mário, cunhando a expressão "generosidade interessada" para fixar a idéia de uma doação que, era na realidade, uma "troca fecundante".

O procedimento pedagógico de Mário de Andrade escora-se no aproveitamento máximo das possibilidades do gênero epistolar. Carta,

para o autor de *Macunaíma*, é o lugar de experiência e partilha; o terreno do desvelamento do eu, da (auto)biografia. Na missiva, formula-se um laboratório de criação e de crítica, abarcando todos os meandros da atividade artística. O "eu epistolar" mariodeandradiano "encena-se" conscientemente, propiciando estratégias de aproximação com o interlocutor. Assim, Mário de Andrade forja uma "ilusão de presença", desejando tornar-se visível ao outro por meio da escrita, emprega torneios da língua falada, insinua-se através de engenhos de cumplicidade. Essa escritura epistolar prefigura um árduo trabalho de humanização da palavra escrita para que ela se torne a expressão da amizade e, ao mesmo tempo, possa levar de acréscimo seu projeto para a formação do interlocutor.

Todos esses elementos estão a serviço de uma espécie de diálogo socrático que leva a reboque uma "áspera pedagogia", ou seja, a exigência de uma atitude de permanente desenvolvimento do interlocutor. Mário de Andrade se propõe a organizar o seu (vasto) saber, para que possa servir a seus jovens destinatários. Diante dos inúmeros pedidos de opinião sobre diferentes textos, o carteador insiste em uma leitura miúda, fugindo do juízo de valor de caráter evasivo, para levantar com naturalidade problemas estéticos de ordem geral e condutas de vida. Emprega uma retórica avessa às "formas perigosas do conselho", que implicam a superioridade de um e a inferioridade do outro. Simulacro do pensamento que toma forma ao correr da pena, o fluído discurso epistolográfico configura-se pleno de digressões e relativizações, impondo o aparecimento de conceitos flutuantes que permitem um virtual debate. Quando o viço da correspondência atinge seu ápice, com a inteligência dominando, a trama do diálogo se complica com o sutil "envenenamento". Mário, então, semeia a inquietação, exigindo posicionamentos artísticos, incitando reações. Na realidade, a correspondência, em sua grandeza, começa aí, no terreno movediço do desassossego. Vislumbra-se, então, o complexo ideário pedagógico de Mário que funde a necessidade do conhecimento técnico, o questionamento de si próprio, impedindo a acomodação do espírito.

Exemplo dessa postura intelectual que se desdobra em pedagogia é o diálogo de Mário de Andrade com os jovens de São Paulo, nos anos de 1930 e 1940. Nas interlocuções com o músico Camargo Guarnieri, com a prima Gilda Rocha (depois, professora de Filosofia da Universidade de São Paulo, que se casa, em 1943, com Antonio Candido de Mello e Souza), com a musicóloga Oneyda Alvarenga, entre outros,

¹ Tese de Doutorado em Literatura Brasileira, defendida em agosto de 2002, na Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Dagoberto de Aguirra Roncari.

depreende-se a especificidade (e grandeza) da correspondência de Mário de Andrade. As cartas do autor de *Amar, verbo intransitivo* tangenciam a maiêutica socrática, pois têm o “dom de desvendar o interlocutor, de desentranhar, através do diálogo, o que ele tinha de melhor”, conforme a interpretação de Gilda de Mello e Souza.